cias adoptadas, do curso forçado das notas do Banco e da moratoria á companhia Confiança, ninguem as combateu, porque a situação financeira o exigia, embora merecesse ser reprovadada uma boa parte das causas primarias d'essa situação. Mas a outra providencia de augmentar o valor da moeda extrangeira sôbre os preços do mercado, não foi bem recebida, porque o prejuizo geral era manifesto. O mercado repelle sempre o dinheiro depreciado, e por isso recusou receber os soberanos por mais de 4$320 réis, as patacas por mais de 880 réis, as peças de cinco francos, por mais de 830 réis e as onças hispanholas por mais de 14$120 réis. D'aqui a decepção, o prejuizo dos particulares, o augmento do cambio das notas do Banco, e a maior escacez do nosso numerario, que vai desapparecendo todo da circulação. Em cima d'isto, veio tambem um emprestimo do Banco ao govêrno de 600 contos, que quer dizer egual valor de notas emittidas; e mais outra emissão de 150 contos, tambem de notas, para pagar o dividendo de trez por cento aos seus accionistas.

Ora, bem se conhece que na presença de um tal estado, são precisas providencias da maior magnitude, e d'outra natureza. O governo carece de meios é verdade; mas faz peior em procural-os de modo que augmente ca fóra a desconfiança em vez de a acalmar. Diz-se tambem por ahi que ha projectos de fundir as tres companhias Banco, Confiança e União, n'uma so companhia monstro. Eu não sei até que ponto a União poderia presentemente auxiliar as outras duas, parece-me que de pouco lhes poderia servir; mas, em todo o caso creio hoje que este complexo seria nocivo ao paiz. Somos pequenos e pobres para um collosso assim; e fazer dependentes todas as fortunas de uma nação de um unico estabelecimento como este, parece-me inconveniente. Repartir os capitaes por differentes companhias, com modificações em seu fim, embora todas ellas tendam ao mesmo, julgo eu que será mais vantajoso; porque uma crise, uma gerencia má etc., não involverá assim todas as fortunas do paiz compromettidas n'essas companhias; ao contrario, n'um caso d'estes alguma poderia vir em auxilio das outras: o que é claro que não póde acontecer comprehendidos todos os recursos publicos no mesmo centro. E não estamos nós vendo o exemplo agora mesmo? O que é que produz a crise do Banco? É certamente a superfluidade de suas notas no mercado. E porque não póde o Banco tirar d'um jacto mil contos d'estas ter-riveis notas de moeda, que fazem a maior bulha? É porque esses mil contos os tem elle em notas promissorias da companhia Confiança, os quaes ésta lhe não póde pagar. Depois veem ainda os capitaes compromettidos por ambas éstas companhias na companhia das Obras-publicas. É pois evidente que uma tal ligação das companhias entre si é que produziu a crise geral; mas que se ellas se achassem independentes umas das outras, se poderiam agora auxiliar em proveito commum. Creio que ésta unica consideração basta a fazer regeitar aqella ideada fusão.

Vejamos porém como a crise se poderia conjurar. Alguem lembrou, em quanto a mim com grande ingenho e sensatez, que a companhia Confiança poderia resgatar as suas notas promissorias por meio de ordens, com juro, sôbre o contracto do tabaco, de quem ella recebe mensalmente uma prestação de amortização e juros pelo emprestimo dos 4,000 contos. E mais lembrou ainda, que sôbre o activo do govêrno sacasse este ordens sôbre si mesmo, acceitas pelo Banco, até á quantia de que é devedor a este estabelecimento, admissiveis de algum modo nas transacções com o Estado, para com essas ordens resgatar o Banco as suas notas, ou uma grande parte d'ellas, ou dar-lhes emfim mais garantia.

Ha ainda pelo que toca particularmente ao govêrno, a idea da emissão de um papel-moeda, resgatavel em poucos annos pela admissão de certo valor d'elle annual nas repartições fiscaes do Estado. Este papel tem assim a garantia da sua amortização, e sendo cada bilhete um composto de uns como *coupons* não póde deixar duvida sôbre a somma annualmente amortizada.

É tambem preciso que o govêrno prescreva ja um praso, o mais curto possivel, além do qual ninguem seja obrigado a receber o dinheiro extrangeiro por mais de um valor aproximado ao valor d'elle mais seguido no mercado.

Mas estes *remedios provisorios*, immediatos, para *acudir ao momento*, não eximem o govêrno de tomar providencias em grande, que não sejam remedio provisorio mas radical para remediar os males públicos. Ainda que este artigo ja vai longo, e eu tenho de tornar brevemente a este grave assumpto, comtudo não concluirei hoje sem lembrar ao govêrno duas grandes providencias, que eu me persuado que dariam optimos resultados: a *modificação* de muitos artigos das pautas, e a *diminuição* dos impostos directos.

Hoje, todo o govêrno que promulgasse no paiz uma diminuição de impostos grangearia so por

CORRESPONDENCIA.

Foram recebidos n'esta Redacção, e serão opportunamente publicados, os artigos seguintes:

Reportorio de posturas municipaes.
É preciso variar as culturas etc. (Agricultura).
Gêlo-artificial.
O Viatico (Poesia).
O Outono (idem).
Do principio supremo da moral (Philosophia.)

SUMMARIO.

CONHECIMENTOS-UTEIS: A crise financeira — Liga promotora dos interesses materiaes do paiz (As duas últimas sessões d'esta associação; o projecto da commissão d'organização; o projecto da commissão das medidas tendentes a melhorar o credito-publico) — Das causas que teem influido no andamento da civilização nos diversos paizes (*continuação*) PARTE LITTERARIA: Descubrimento da ilha da Madeira (Romance-historico, (conclusão) — A... (Poesia, traduzido do hispanhol de D. Julian Romea) — O Sr. Estevão Dias Cabral [Apontamentos biographicos) VARIEDADES: Statistica de todos os mosteiros, conventos, hospicios e collegios até ao decreto de 28 de maio de 1834 — Correio nacional.

CONHECIMENTOS UTEIS.

A CRISE FINANCEIRA.

720 Este importantissimo ponto é, com razão, o que hoje occupa todas as cabeças e absorve todas as attenções. Por mais grave que elle seja, como realmente é, não se deve porém exagerar, nem tractal-o de modo, que o panico venha ainda a ser encarecido e generalizado. É uma verdade, que ninguem que pensar póde deixar de reconhecer, que ésta crise, ainda que se mostrou repentina, não é todavia filha inteiramente de uma causa immediata por maior que ésta fosse: sim póde ésta havel-a feito estrugir ou ainda desinvolver; mas jazia latente, porque a origem do mal é remota... Sabem-no todos a quem este assumpto não é extranho.

Comtudo, este mal grande e assustador como é, não parece irremediavel. A companhia Confiança, cujo estado foi principalmente o que produziu o grande aballo, não está de modo nenhum ameaçada de insolvencia. A companhia não tem recebido de seus accionistas mais que 3,800 contos, menos de metade do capital de suas acções; e sendo a divida da companhia de 3,965:160$521 réis, a importancia so do que ella é credora ao governo, pelo emprestimo do Contracto do tabaco (4,000 contos) lhe basta para solver o seu passivo. Mas a companhia tem ainda a receber o seguinte: Imprestimos ao govêrno, obra de 2,000 contos, valor em titulos (calculados abaixo do que hoje valem no mercado) 811:134$501 réis; outros titulos etc. 199:728$109 réis; penhores, 92:598$000 réis; existencia nos cofres, 31:509$844 réis; proveniente do contracto com a companhia do Tabaco, Sabão e Polvora, (transmissão do imprestimo supra) 1,013 contos: total 4,147:970$447 réis. E eu não quero fallar em 240 contos entregues por acções da companhia das Obras-publicas, nem mais 219:769$984 réis de supprimento feito á mesma companhia. Ja se ve pois, que a companhia Confiança tem a haver 8,147:970$447 réis, afóra o que pertence á companhia das Obras-publicas, e ao resto das suas acções (4,619:769$984 réis) para pagar apenas 3,965:160$521 réis.

Vejamos agora o Banco de Lisboa. A falta de publicidade (alias escandalosa) do estado d'este estabelecimento, não me deixa ser tam minucioso como com a companhia Confiança. Fallarei pois so do que sei decerto. As transacções do publico em geral com este estabelecimento reduzem-se a cobrar em numerario as notas d'elle que lhe for apresentando. Ora, éstas notas em circulação sommam hoje 3,200 contos. O capital do Banco é de 5,000 contos, dividido em 10,000 acções. Mas o govêrno deve a este estabelecimento toda a importancia d'este capital. A companhia Confiança deve-lhe tambem 973:000$000 réis de notas promissorias. Não posso dizer de quanto o Banco é credor em lettras de particulares, penhores, fundos-publicos, acções de Companhias etc. Mas assim mesmo achâmos ja um credito de quasi 6,000 contos para pagar um debito de 3,200 contos, que tanto importam, como disse, as suas notas em circulação.

Claro está pois que o que produziu a crise d'estes estabelecimentos, foi não estarem elles habilitados, *demomento*, para: na companhia Confiança, serem pagas as notas promissorias, e promiscuamente os depositos da caixa economica etc.; e no Banco, as suas notas na proporção dos valores que affluiam.

Não vem para aqui indagar as razões porque estes estabelecimentos não estavam assim habilitados; o facto é que o não estavam, e que o não podem estar senão com o tempo, á proporção que forem podendo realizar os seus creditos. Em tal caso o que se deve fazer é conjurar a tormenta; desfazer o panico, e procurar ganhar tempo para o restabelecimento do credito. Tudo o que não for isto, aggravará o mal em vez de sanal-o.

Para fallar n'estes assumptos requer-se toda a prudencia; uma phrase inconveniente póde ser prejudicial. Serei pois cautelloso. As providen-

este facto as bençãos e a estima dos povos. E comeffeito, politica e physicamente fallando, ésta diminuição é reclamada pelos interesses moraes, e pelos interesses materiaes da nação. A nossa terra está sobrecarregada demais, o paiz não póde dar para tanto no seu presente estado economico e material. Nós devemos contar tambem com um anno de fome. Ora, a agitação politica em que a nação ficou depois da revolução, quasi que tira ao govêrno toda a segurança de cobrar devida e completamente os impostos n'algumas das provincias. Mas sendo promulgada a diminuição, o povo, por instincto mesmo, pagaria melhor e com mais vontade. N'este caso, os impostos reduzidos produziriam muito além do que hãode produzir como estão, e a força moral de um govêrno que assim praticasse, ficaria sem dùvida estabelecida no coração dos povos.

LIGA PROMOTORA DOS INTERESSES MATERIAES DO PAIZ.

721 Mais duas reuniões tem havido d'esta nova associação. A primeira d'estas em 22 do corrente, em que foi reforçada com mais dois membros a commissão encarregada de dar o seu parecer sôbre o projecto do Sr. Claudio Adriano da Costa, tendente a melhorar o credito-publico, recahindo a nomeação no Sr. Anselmo Braancamp e José Maria da Silva Leal, e em que se nomeou tambem uma commissão encarregada de apresentar um projecto de bases para organização da liga, para a qual foram nomeados os Srs. Ayres de Sa Nogueira, Manuel Maria da Silva Beirão, Anselmo Braancamp, Antonio da Cunha Souto-Maior e José Maria da Silva Leal.

A segunda d'estas reuniões foi em 27 do corrente, em que se leram os projectos apresentados por aquellas duas commissões. Um d'elles, sôbre as medidas tendentes a melhorar o credito publico, foi desde logo fortemente combatido por alguns senhores; especialmente pelo Sr. Dr. Holtreman, que sustentou: que para melhorar o credito-publico bastaria que o governo declarasse explicitamente ao publico, pela folha official, que findos os tres mezes das moratorias concedidas ao Banco e companhia Confiança, ellas não seriam prorogadas nem por mais um dia.

Que o Banco contando em lhe não ser mais concedida moratoria, tinha a lançar mão dos recursos proprios:

1.° Obrigar os accionistas que tem as acções empenhadas, a que antes do ditto dia em que acaba a moratoria, vão resgatar as acções; aliás serem vendidas em hasta publica, pelo preço a que chegarem, indo ás baixas quando não chegassem aos 500$000 réis.

2.° Não reformar mais nenhum dos emprestimos sôbre prata, ouro, brilhantes e apolices; e na falta de resgate vender estes penhores; e na falta de compradores do ouro e prata mandal-os cunhar, e acreditar em conta respectiva. E nos papeis de credito vender as baixas, pelo maior preço offerecido.

3.° Vender de seus fundos Inscripções, tanto quanto fosse necessario para com o producto dos dous outros meios indicados resgatar todas as notas quantas circulassem, até que ficassem no mercado tão poucas, que não houvesse agio.

4.° Pelo que diz respeito á companhia Confiança, finda a moratoria, os possuidores das notas promissorias podendo compelil-a judicialmente, vinham a obriga-la a exigir dos accionistas tantas prestações quantas fosse necessario, do que ainda falta a entregar, para com ellas poderem satisfazer suas obrigações, e a por este meio ou por outro, á custa de seus accionistas, cumprirem suas obrigações.

5.° Finalmente, collocar-se o governo em posição que compelisse o Banco e Confiança, a cumprirem suas obrigações, das quaes as essenciaes são troco das notas e pagamento das promissorias.

Considerando-se porém que toda a discussão sería intempestiva, antes de bem conhecido e estudado o projecto impugnado, accordou-se em que a discussão de ambos os projectos ficasse reservada para outra reunião.

Aqui se transcrevem estes dois projectos para que por todos possam elles ser conhecidos e devidamente avaliados.

RELATORIO.

Senhores: A vossa commissão encarregada de propor um projecto de bases para a organização d'ésta *liga*, tem a honra de vos apresentar o resultado dos seus trabalhos, fazendo depender o complemento d'elles do regulamento geral e d'outros especiaes das differentes secções, como se menciona nos artigos transitorios d'este projecto de bases.

A commissão julgou tambem dever appresentar-vos uma moção, convidando a certo trabalho immediato cada uma das differentes secções em que dividiu ésta associação; porque ainda que a questão financeira seja hoje a questão vital do paiz, e por isso, com razão, a primeira que vai ser tractada pela liga, comtudo, como o fim d'esta é mais vasto, e importa fazer sentir ao paiz todo o alcance da sua instituição, julgou acertado a vossa commissão apresentar a moção que como additamento acompanha este projecto de bases.

Projecto de bases.

1

Será instituida uma associação com o nome de *Liga promotora dos interesses materiaes do paiz.*

2

O fim d'esta associação será fomentar, fazer desinvolver e fructificar, por todos os modos que legalmente podér empregar, todos os trabalhos, empresas e meios economicos tendentes a promover e augmentar as riquezas physicas do paiz, proteger os interesses geraes, e derramar pelo povo toda a possivel instrucção da sciencia economica.

3

O número dos associados será illimitado, e todos estes se comprometterão por sua palavra, a sustentar, propalar e diligenciar fazer triumphar as resoluções e as doutrinas economicas da liga, assim como procurar trazer ao seu gremio o maior número de socios possivel.

4

Não serão admittidos para socios da liga senão os proprietarios, e as pessoas da classe do commercio, ou de reconhecida intelligencia, que contem mais de 20 annos.

5

Haverá um livro onde se inscreverão os nemes dos associados, sua idade, morada e profissão, e as respectivas observações.

6

O centro da liga será em Lisboa; mas haverão associações filiaes nas terras mais consideraveis do reino, e correspondentes em todas as outras de alguma importancia agricula, commercial ou industrial.

7

Esta associação será dividida em sette secções, assim classificadas:

Agricultura, em toda a sua extensão.
Commercio, alfandegas, e navegação exterior.
Administração-pública, Estradas e navegação interior.
Industria manufactureira
Colonias
Hygiena pública e pauperismo
Statistica e Finanças.

8

Cada um dos socios se inscreverá n'aquella ou n'a quellas secções que for de sua vontade, impenhando a sua palavra a prestar-lhes todos os serviços que d'elle dependam.

9

A liga terá um presidente, dois vice-presidentes, dois secretarios e dois vice-secretarios.

10

Cada secção terá um presidente, um vice-presidente, um secretario e um vice-secretario.

11

Todos estes cargos serão electivos á pluralidade de votos, e durarão por tempo de um anno. A associação central elegerá os cargos communs, e cada uma das secções os seus cargos especiaes. Todos os que os occuparem poderão ser reeleitos.

12

O local da reunião da assemblea, os dias de reunião, as quotas para as despezas de que houver necessidade, será tudo do arbitrio da assemblea por decisão immediata segundo a urgencia das circumstancias.

13

São prohibidas as quotas certas em periodos determinados. A assemblea deliberará sôbre o *quantum* de que precisar, e a derrama será feita egualmente por todos os socios.

14

Se a associação vier a ter local proprio e applicação de fundos permanente, será eleito um conselho administrativo annual de que fará parte um thesoureiro especialmente eleito.

15

O presidente convocará a assemblea sempre que julgar necessario ou lhe for pedido por mais de dôze coligados. Se o presidente se recusar á convocação, os que a exigirem se dirigirão para esse fim ao mais velho dos vice-presidentes, e assim progressivamente a toda a mesa, até o poderem fazer per si mesmos em annuncio por elles assignado: dando de tudo parte á assemblea que deliberará como intender. Os annuncios de convocação serão feitos por via dos jornaes, e previnirão do local e objecto da reunião.

Artigos transitorios

1

Formar-se-ha um regulamento para a boa ordem das discussões, e bom regimen da associação em geral.

2

Cada uma das secções formará tambem o seu regulamento especial, afim de poderem trabalhar independentes, como melhor se intenda, subordinadas comtudo ás bases da instituição commum.

3

Serão escolhidas desde ja tres pessoas para formarem o nucleo de cada uma das secções, simplesmente com o fim de effectuarem a organização d'ellas.

—

Como additamento a éstas bases, julga a commissão dever fazer a seguinte moção:

As secções da liga são convidadas a apresentar, cada uma d'ellas na sua especialidade, e dentro do menor praso de tempo possivel, um projecto tendente a desinvolver e verificar o pensamento creador d'esta instituição.

Lisboa, 27 de julho de 1846.

—

PROJECTO DE REPRESENTAÇÃO.

Senhora: Quando uma nação toda soffreu no que ella tem de mais sagrado, quando circumstancias não previstas, occorrencias extraordinarias, attacam os seus interesses materiaes, molestam a todos, desde o mais pobre trabalhador até ao mais opulento proprietario, é um direito senão um dever para todos os cidadãos, levarem uma exposição de seus males juncto ao throno de V. M. exporem os seus padecimentos, e lembrar os remedios que talvez possam concorrer para os minorar. É pois, para cumprirmos com este dever que nos atrevemos hoje a dirigir a V. M. a seguinte exposição.

Sublevou-se em massa a princeza das nossas provincias, o Minho, porque leis menos bem pensadas tinham exacerbado os animos. Ao seu reclamo acudiu todo o reino como uma so vontade, e V. M. sempre sollicita em promover a felicidade de Portugal, escolheu novos ministros que correspondessem aos suffragios e aos desejos da nação.

O momento era supremo. Não admittia restricções porque quando a dissolução ameaça a causa pública,

a sua salvação está na energia das providencias de que se lança mão, e na rapidez com que ellas se executam.

Todavia não aconteceu assim. A crise era tão horrivel, os interesses estavam todos de tal maneira compromettidos, os recursos do paiz de tal sorte exhauridos, que entre as agitações politicas e as exaltações população, não cabia nas fôrças de um so homem o pôr termo a tantos males, o sanar por uma vez as feridas mal curadas da nossa patria.

Acudiram tam somente com remedios paliativos, medidas de circumstancia que talvez fossem de alguma vantajem no momento em que tomadas, talvez sustassem por alguns momentos a medonha crise que nos esperava; mas que infelizmente não melhoram a nossa sorte, antes depreciaram ainda mais o credito, anniquillaram a confiança, unicas bases do commercio e da industria.

O Banco pediu amparo e protecção — concedeu-se-lhe uma moratoria. A companhia Confiança, declarou que não podia fazer frente ás suas obrigações — foi lhe permittido espaçar o cumprimento d'ellas. A companhia das Obras-públicas estava sem recursos consentiu-se-lhe que parasse com os seus trabalhos. As notas do Banco estavam sem valor, deu se-lhe curso forçado; a moeda nacional summiu se nos cofres dos capitalistas, arbitrou-se ás moedas extrangeiras um valor superior aquelle que tinham no mercado.

Senhora, não nos cumpre, nem pensâmos em censurar as medidas tomadas pelo govêrno de V. M., relatâmos tam somente os factos; mas infelizmente não podêmos deixar de dizer que embora essas medidas sejam justificadas pela conveniencia, talvez mesmo pela necessidade do momento, todavia a ellas devemos a estagnação total dos negocios, a prespectiva de ruina que nos faz tremer.

Milhares de fortunas compromettidas na companhia Confiança e na das Obras-públicas; o curso forçado de uma moeda que hoje nos merece menos credito; a incrivel escassez de numerario que paralysa todas as negociações; o terror geral que accumulá nos cofres os capitaes que outr'ora gyravam com tanta confiança, e mais que tudo o futuro terrivel que antolhâmos, que nos vai assombrando mais e mais, á medida que se aproxima o prazo de perdão que V. M. concedeu a éstas companhias, são outros tantos tormentos que pésam sôbre os vossos subditos — tormentos que vão crescendo de dia para dia e que carecem de um remedio prompto, para que todos devemos concorrer.

Ninguem ignora que são indispensaveis sacrificios. Todos os hão de fazer. E todos os devem fazer. Mas póde porventura inferir-se d'aqui, que os bens que estão fóra da acção immediata do govêrno, devem escapar intactos, emquanto todos os mais valores que estão ao seu alcance poderão ser anniquillados? Um abuso tal da fôrça offenderia a moral e a justiça, e um govêrno recto como o de V. M. por certo não dará tal exemplo.

Apontámos os males, não nos devemos contentar com queixas estereis, cumpre-nos lembrar alguns remedios. O Banco, a Companhia Confiança e muitos capitalistas, compromettidos no thesouro publico com enorme cabedal, apresentam-se com avultadissimos creditos, mas sem capital, para satisfazer ao seu debito. O govêrno de V. M. póde dar-lhe remedio senão radical, pelo menos forte bastante para reanimar o credito. E este temos nós por sufficiente na creação de um limitado representativo, admissivel nas repartições fiscaes, com uma amortização graduada segundo as faculdades pecuniarias do thesouro, e com o qual, posto que fraco, se fossem solvendo parte d'estas dividas do Estado.

Esta creação de um circulante temporario seria facil, suave e popular, por isso mesmo que sendo certa a sua amortização, inutilizando-se os titulos logo que entrassem nos cofres públicos, não haveria o menor receio de que ficasse eterno no paiz. E longe de termos ésta operação em conta de um alcance sobre o nosso futuro, talvez devamos intender que este é o meio unico de abrir a estrada aos melhoramentos, á industria e ao commercio, que so vigoram com o credito.

A companhia Confiança, tomou a si milhares de contos de réis, absorveu-os, affastou-os do gyro quotidiano ja tam apoucado; cumpre-lhe restituil-os senão em metal, ja que o não tem, pelo menos em titulos que tenham tanto valor como elle, cujo credito seja tal que não haja embaraço em trocal-os. Para este fim poderia ella converter a totalidade ou pelo menos uma parte do seu emprestimo ao contracto do tabaco, em titulos a juro e com amortização, que permutasse pelas notas promissorias, espalhadas por todo o reino.

O Banco de Lisboa, associação aliás tam respeitavel e de que devemos esperar valiosos resultados sempre que bem dirigido, hoje pela fôrça das circumstancias, assombra todos os animos, perseguido por um clamor geral, ainda que mal fundado; as notas com curso forçado, vão soffrendo maior desconto quanto mais se vai adiantando o dia em que elle deve acabar: todos tremem ao pensar o que succederá n'esse dia, vendo que as notas vão sempre a mais e o numerario vai sempre a menos; é forçoso affastar-mos tão feia tormenta antes que ella chegue. E qual será o meio, senão arrancar de um jacto, tirar n'um repente do mercado, todo o excesso de notas com que este não póde, de tal arte que amanheçamos um dia querendo notas e encontrando pouca facilidade em as achar. O Banco desculpa-se com os muitos capitaes que entregou no thesouro, pois, Senhora, nós os portuguezes estamos promptos a passar por mais um sacrificio, para obstarmos a tantos males. Entregue-se ao Banco de Lisboa titulos com um juro razoavel, admissiveis no pagamento de todos os impostos vencidos até certa epocha, entreguem-se lhe tantos quantos fôrem sufficientes para tirar do gyro diario as notas, que este não comporta. Mas para que os maus devedores não tirem proveito da sua pouca exactidão, promulgue o govêrno de V. M. uma lei, pela qual elles sejam chamados a pagar os seus debitos, dentro em *quinze dias*, com a pena de principiarem a pagar juros desde o momento d'essa promulgação. (*)

É tempo de acabarmos com um systema de arrecadação, em que os agentes fiscaes tem interesse em não arrecadarem logo as contribuições, e em que os contribuintes teem como especulação demorarem o mais possivel os seus pagamentos.

(*) Por parte da commissão foi declarado que se não insistia n'este ponto, relativo ao Banco, porque assaz de recursos havia este estabelecimento para sahir do seu apuro.

A fazenda-nacional é um credor como qualquer outro, e a todos os credores se arbitram juros logo que corre demanda judicial.

Senhora, os supplicante expondo por este modo alguns meios, que elles teem por mais acertados para pôr fim a ésta crise, não julgam usurpar attribuições que lhes não pertençam; mas visto que as Companhias e o Banco, se pozeram debaixo da protecção de V. M. elles julgam que como credores d'esses estabelecimentos, não tem melhor remedio do que acolher-se ao amparo do vosso throno, pedir-vos que sejais arbitro, mas arbitro favoravel a todos, protegendo a uns e a outros, e adoptando de accordo com os conselheiros da vossa Coroa, qualquer dos pensamentos expendidos n'esta exposição e que vos parecer digno de alguma consideração.

Lisboa, 27 de julho de 1846.

1.ª OPERAÇÃO.

Emissão de bilhetes admissiveis no pagamento de todos os impostos ou dividas á fazenda nacional, pelo seu valor nominal, ou como dinheiro.

A 1.ª emissão, que é feita desde ja, é de 2:000 contos, em bilhetes de 10$000 e de 100$000 rs., divididos cada bilhete em seis pagamentos annuaes, a receber cada uma das suas partes nos impostos de cada anno economico, a principiar em 1846—47; e continuar nos seguintes, que é dividido segundo o modelo A que segue.

A 2.ª emissão é de 1:000 contos, que principia no anno de 1847—48, nos mesmos bilhetss de 10$000 e de 100$000 rs., divididos em cinco pagamentos annuaes, que serão amortizados nos cinco annos a seguir, depois da sua emissão, conforme o modelo B.

Modelo A.

Titulo de 10$000 rs.	1852	1851	1850	1849	1848	1847
	1:500 rs.	1:500 rs.	1:500 rs.	1:500 rs.	1:500 rs.	2:500 rs.
Admissivel como dinheiro de contado em todos e quaesquer pagamentos ao governo, na proporção adiante, em cada um dos annos economicos — cortando-se a columna competente em cada pagamento, e valendo este titulo tão somente pelas que ficarem restando.	Idem.	Idem.	Idem.	Idem.	Idem.	a receber em pagamento de contribuições ou outra qualquer divida ao governo pelo seu valor nominal.

Modelo B.

Titulo de 10$000 rs.	1852	1851	1850	1849	1848
	2:000 rs.	2:000 rs.	2:000 rs.	2:000 rs.	2:000 rs.

Assim temos que nos annos economicos

	1.ª *Emissão.*	2.ª *Emissão.*	*Amortização.*	*Em circulação.*
De 1846—47	25%		500 contos	1:500
» 1847—48	15%	20%	500 »	2:000
» 1848—49	15%	20%	500 »	1:500
» 1849—50	15%	20%	500 »	1:000
» 1850—51	15%	20%	500 »	500
» 1851—52	15%	20%	500 »	0
Sommma	100%	100%	3:000 contos	

2.ª OPERAÇÃO.

A companhia Confiança é credora ao contracto do tabaco na quantia de 4:000 contos de réis, e para pagamento dos quaes recebe annualmente e por tempo de vinte e trez annos, a quantia de 300 contos de réis, pagos pelo contracto do tabaco por conta do governo: e recebe mais do mesmo contracto a quantia de 85 contos em cada um dos doze primeiros annos, a titulo de supprimento de juros.

Éstas duas quantias, repartidas pelo decurso total do tempo da amortização, foram calculadas pela companhia Confiança, no seu ultimo relatorio, como dando um juro de 6,85. Todavia resta-nos calcular as seguintes vantagens enunciadas no mesmo relatorio, mas não reduzidas a algarismos.

1.ª A de receber os 300 contos em pagamentos mensaes de 25 contos, em quanto se considera a amortização feita somente no fim do anno.

2.ª A de receber o supprimento do tabaco nos doze primeiros annos, accrescendo portanto o juro das quantias que, dividindo-se a somma total pelos vinte e tres annos, passam d'estes doze annos para cada um dos onze annos posteriores.

Calculado com mais éstas vantagens, achâmos, que o juro total virá a ser de 8,03. Portanto a Companhia poderia emittir lettras até cinco annos da data a juro de 6,5 ou 7% acceitas pelo contracto, e com ellas resgatar as notas promissorias, entregando por cada uma cinco lettras, cada uma no valor da quinta parte, com os juros accumulados em cada uma d'ellas. Assim mostraria a Companhia a religião com que pertende satisfazer seu debito, e levantaria novamente o valor das suas notas a tal ponto que muitos talvez, nem se quererão utilizar d'esta medida, e ao mesmo passo a Companhia ainda ficaria ganhando o excesso do juro que paga por aquelle que recebe, e é o de 6,5 ou 7% a 8,03.

DAS CAUSAS QUE TEEM INFLUIDO NO ANDAMENTO DA CIVILIZAÇÃO NOS DIVERSOS PAIZES *

722 A Asia, outra parte das civilizações atrazadas, é infinitamente melhor dotada que a Africa. Mas em nenhum ponto se reunem la tantas vantagens como aquellas com cujo auxilio os povos da Europa teem marchado com passo firme e rapido. Além dos desertos cobertos de gêlo dos mares do pólo, tem a Asia duas regiões bem distinctas, uma central, fria ou temperada, outra essencialmente torrida. Ora, a primeira, unica cujo clima, multiplicando-lhe as necessidades, sollicita os esforços do trabalho, compõe-se quasi toda de steppes e desertos em que os povos reduzidos á vida nomada e ao commercio das caravanas, não poderiam reunir-se e cultivar com fructo as artes e sciencias. Na região mais quente é onde domina a agricultura. Desde a bacia do Indo, que formosos rios derramam a fertilidade por valles numerosos, e desde os tempos mais remotos que essas povoações tem agricultado as terras e fundado cidades florescentes.

Mas o impulso da civilização n'esses logares depressa ficou paralysado. Depois de haver sido pasmosamente precoce, deixou de marchar, e ás conquistas que assignalaram o seu periodo de crescimento não se viera ajunctar outras novas. Tambem aqui foi tudo obra das circumstancias locaes.

Terras, cujas partes cultivaveis retribuem generosamente as diligencias que merecem, convidam as populações a agglomerar-se em massas compactas, e disfructar os beneficios da vida urbana. Mas ésta vantagem uma vez apanhada, a civilização não anda mais senão impellida por motores que teem faltado na Asia meridional. Nem a industria nem o commercio la eram vivamente excitados de modo que podessem derramar largamente os seus beneficios. Por uma parte o calor do clima, excluindo uma multidão de incommodos e necessidades, impedia ao trabalho que se diversificasse, e prevenia assim a maior parte das descubertas que haveriam multiplicado e melhorado os fructos d'elle. Por outra parte, os objectos de permutação são naturalmente raros n'um paiz cujos pontos pertencem todos ás mesmas latitudes. Debalde banha o mar as costas da India e os imperios situados mais a Leste; debalde, a pouca distancia do continente começa um mundo inteiro de ilhas de todos os tammanhos, proximas umas ás outras; os povos d'esses paizes teem todos os mesmos productos, e suas relações mercantis não poderiam abri-lhes fontes abundantes de vida e prosperidade. A sua navegação tambem apenas teve um desinvolvimento mediocre demais para os pôr em communicação com as outras partes do mundo onde achariam lucros e mercadorias desconhecidas d'elles. So as regiões do norte da Asia é que poderiam offerecer vastos mercados ás producções do meio dia; não so porém éstas regiões não são accessiveis senão ás caravanas que estão expostas a muitos perigos; mas os nomadas que as habitam não são bastantemente riccos para alimentar um commercio que dê muito interesse.

Uma so das nações da Asia oriental tem chegado a um grau notavel d'habilidade agricula e manufactureira. Tudo o que nós sabemos da China attesta que as terras são la bem cultivadas e que as artes industriaes são exercidas com rara actividade. Mas é porque na China a configuração do solo e as particularidades do clima estimulam energicamente ao trabalho. Por uma parte, numerosos e grandes rios derramam a fecundidade e favorecem a circulação das vendas; por outra, desde as bordas do mar que a terra se eleva de modo que todas as temperaturas se tocam. A par de provincias onde amadurecem os fructos das regiões tropicaes, estão outras em que os hinvernos são agrestes, e a propria capital tem sitios onde elle se simelha aos logares da Europa nas parallelas situadas dez graus mais ao norte. Por isso, n'uma vizinhança quasi immediata, ha vendas cuja variedade anima e multiplica as permutações; por isso, n'algumas das suas povoações se experimentam necessidades cujo número e intensidade tem sido origem dos habitos de trabalho que se tem propagado de vizinho em vizinho. A China não é so um paiz de commercio interior muito activo, mas está tambem em communicação com outras raças a quem provê dos productos da sua industria, e cujo consummo lhe assegura um mercado importante. O que tem faltado á China para crescer progressivamente em saber e civilização, é o contacto com os paizes capazes de lhe fornecer luzes

(*) Continuado de pag. 98.

proprias para vivificar e completar aquellas que ella so pôde tirar da sua propria experiencia.

De resto, tem havido para a Asia uma causa de immobilidade que tem provindo toda inteira da sua structura territorial, e que, so de per si tem bastado para suspender o curso da civilização n'aquella parte do mundo. Assim como contém regiões cujo solo, clima, e configuração differem totalmente entre si, a Asia tem tambem populações oppostas em costumes, habitos e modos de vida. Juncto ás nações sedentarias, agglomeradas, que cultivam pacificamente terras fecundas, ha nações pastoraes, inquietas, belligerantes, costumadas a todos os perigos e fadigas. Estas, disseminadas pelos desertos do Meio-dia, sobre os montes estereis e frios do centro, e pela maior parte das cordilheiras, estão sempre propinquas a precipitar-se sôbre os paizes cujas riquezas e bello ceu excitam a sua inveja. Por isso a historia da Asia so consta de uma serie de expedições executadas pelas hordas ferozes que, depois de terem derrubado os imperios existentes levantavam outros destinados a soffrer a mesma sorte. É isto que tem sido o verdadeiro flagello das nações mais capazes do progresso. A cada um dos abalos que soffriam vinham logo os barbaros opprimil-as com um jugo de ferro, e apenas começavam a reparar os seus desastres, recahiam prêsa de novos conquistadores. Contai quantos seculos foram precisos ao antigo mundo romano para se refazer do embate que recebeu pelo estabelecimento em seu seio dos povos incultos do Norte, e por ahi podereis calcular os obstaculos que a civilização das melhores partes da Asia terá encontrado nas invasões de certo modo periodicas das raças nomadas que por sua vez se vinham fazer seus senhores.

(Continúa.) *H. Passy.*

PARTE LITTERARIA.

ROMANCES.

O DESCUBRIMENTO DA ILHA DA MADEIRA.

III

723 Nuno Alcoforado depois de se haver separado do seu escravo dirigiu-se á praia, saltou em um batel, e foi abordo da sua caravella, onde deu ordens á marinhagem de estar prompta a fazer-se de vella. Como voltasse para Terça-nabal um pagem lhe entregou uma carta de D. Henrique.

— É uma commissão, exclamou Nuno com alegria, está ganha a minha causa!.. Reparei um êrro que o acaso commetêra; será minha toda a gloria que ia pertencer a outrem... a um miseravel!

Voltou abordo para reiterar suas ordens, findo o que appressou-se em demandar o salão do banquete, onde assentada se via toda a real familia. Em torno das mesas circulavam os habitantes de Sagres e povoações vizinhas, que segundo uso e costume, haviam sido admittidos para contemplarem seus monarchas. O povareu se foi afastando de mancinho e ao fim do banquete era ja deserto o salão; D. João I ordenou então a Nuno de se aproximar e lhe deu emboras pelo descubrimento reservado ao seu valor.

— Nosso intento, ajunctou elle, é assistirmos á partida da vossa caravella... Para nos alevantar-mos antes do romper d'alva é mister retirar-mo-nos para os nossos aposentos.

— Estão situados no lado opposto de palacio, meu pae, disse o infante D. Henrique, permiti-me que a elles vos condusa.

Todos os que presentes estavam e que haviam sido convidados para as festas, se alevantaram e desceram pela grande escada. D. Henrique, que era o primeiro que tomava a frente, parou subitamente ao ver um homem a dormir debaixo do caracol que formavam os degraus, e Nuno Alcoforado foi tocado de pasmo e terror, ao reconhecer que era João Morales. Estava mui socegadamente extendido como um bebedor subjugado por copiosas libações; parecia respirar com algum custo, mas no seu rosto não se lhe devisava a mais leve commoção.

— Quem é este homem? perguntou o rei.

— Hade ser provavelmente algum miseravel ebrio, retorquiu Nuno. E se quereis eu o vou fazer pôr fóra de palacio?

— Não, disse o infante, acordem-no que o quero interrogar.

Muitas das pessoas que presentes estavam se aproximaram de João Morales e lhe deram algumas sacudiduras, porém nada o fazia acordar.

— Saberá Sua Mercê, disse o medico que sempre accompanhava o rei, que este homem não está ebrio como se julgava; foi uma forte dóze de opio que tomou; mas eu conheço um remedio que o hade tirar d'esse lethargo.

— Pois tractai d'elle immediatamente, ordenou D. Henrique.

O medico retirou-se para preparar um antidoto cuja receita alcançára dos arabes, e que consistia simplesmente n'uma forte infuzão de grãos de café. No meio tempo um dos criados do infante aproximando-se d'elle lhe disse:

— Senhor infante, eu conheço este homem; chama-se João Morales, piloto da nossa costa, a quem por ahi chamam o homem da Madeira. Durante a doença de Vossa Mercê apresentou se aqui vezes sem conto, ás portas de palacio, dizendo que tinha um memorial muito importante para vos entregar, e que havia conhecimento da derrota para uma ilha desconhecida, onde abordára com um inglez chamado Roberto Masham.

— Que significa isto? perguntou o infante voltando-se para Nuno Alcoforado.

— Decerto que não sei, meu Senhor, balbuciou este; talvez seja algum homem da companha da nossa caravella.

O medico voltou durante este colloquio e fez beber a sua preparação a João Morales, que não tardou muito em abrir os olhos. O infante dirigiu-lhe a palavra, e o piloto contou-lhe fielmente tudo o que era passado.

— Esperava o Sr. Nuno, disse elle concluindo a sua narração, quando um escravo moiro veio trazer-me alguma coisa de comer e uma garrafa de vinho, e me tornou a deixar a sós; alterado pelo terrivel calor que fazia, bebi todo o vinho que o moiro me trouxera. Dentro em pouco começou-se-me a vista a obscurecer, senti o sangue subir me á cabeça e o rosto cubrir-se-me de um suor abundante. Assustado, fóra de mim, e sentindo a necessidade de andar e respi-

rar um ar novo, abri a porta e segui pelo corredor que em frente era; mas bem depressa uma vertigem se apoderou de mim; entrou a cabeça a tornar-se-me muito pesada, e sem sentidos cahi provavelmente no logar onde acabam de me encontrar.

— Por esse modo, Nuno apresentou-se-vos como meu emissario?

— Sim, meu Senhor, e entreguei-lhe um memorial cujo duplicado trago commigo, bem como as cartas de derrota que eu traçára, das quaes tambem tenho aqui a copia.

— Entregai-me esses papeis. Presumo, Morales, que tendes sido victima de um infame abuso de confiança; porém asseguro-vos que haveis ser d'elle completamente compensado. Dormireis ésta noite em palacio; vou mandar dois alabardeiros a vossa casa para socegar vossa familia, e ámanhan esclareceremos este negocio. Aonde está Nuno Alcoforado?

Nuno vendo que o seu trama era descuberto, aproveitou-se da confusão que causára este incidente para se pôr de abalada. D. Henrique ordenou que se procurasse o fugitivo; porém o guarda das portas de palacio veio annunciar-lhe que Nuno tinha sahido de Terça-Nabal, acavallo e acompanhado unicamente do seu escravo Assan.

— Mem Peres, disse o infante para o capitão dos ginetes de serviço, ide immediatamente sôbre as pistas d'esse infame, e se a obscuridade da noite vos não permittir encontral-o, tomai ao menos todas as medidas para o apanhardes ámanhan de manhan. Quanto a vós Mestre Antunes, confio-vos o tractamento de João Morales, e previno-vos que deveis tomar tanto cuidado n'elle como se fôra eu proprio.

Depois d'estas palavras, tanto D. João I como D. Henrique, se afastaram, deixando o piloto sob o dominio d'uma especie d'allucinação. A verdade que lhe haviam revelado ainda lhe parecia algum tanto confusa. O seu character era tão inimigo da traição, que não podia conceber como havia alguem que atraiçoar podesse a outrem. Realmente a sua vida apresentava mysterios que o confundiam. Fôra um naufragio que abríra a carreira da sua fortuna, e fôra o seu proprio inimigo que o fizera fallar a D. Henrique. Estes acontecimentos lhe pareciam dirigidos por uma mão occulta.

N'esta mesma noite, Morales recebeu do infante um brinde de cem ducados e um ricco vestuario. Na manhan seguinte D. Henrique entregou-lhe cartas de nobreza e a patente de capitão de navios.

— Eu nobre! eu capitão! exclamou Morales; a minha Brites hade-lhe custar a acreditar e comtudo é a pura verdade, assignada pelo proprio punho de D. João I e revestida com o seu real sello. Oh! meu caro infante como vos heide agradecer similhantes mercês; a minha vida é vossa, disponde de mim que me achareis sempre prompto para tudo que fôr em vosso serviço.

— Nada de agradecimentos, Morales, disse o infante; em quanto que vós dormieis tomei todas as informações necessarias, e soube tudo que vos diz respeito. Nuno Alcoforado, abusando dos poderes que eu n'elle delegára, fez-se ésta noite mesmo de vella, e o que agora hemos a fazer é tirar a esse homem a gloria d'uma descuberta. Parti pois!.. Ha na praia duas caravellas promptas á vossa espera... Ireis acompanhado de João Gonçalves Zarco, bravo cavalleiro que, haverá dois annos, descobriu a ilha de Porto-Sancto, situada, segundo todas as probabilidades, perto d'aquella a que chamaremos da *Madeira*. Ide despedir-vos de vossa familia, e appromptai-vos a embarcar d'aqui a tres horas. Ide, ja dei ordem de pôrem um cavallo á vossa disposição.

Tres horas depois, a mulher e as filhas de Morales seguiam com a vista a caravella que o transportava a um paiz desconhecido.

IV

As duas caravellas chegaram a Porto-Sancto depois de uma feliz viagem, e ahi encontraram os portuguezes que João Gonçalves Zarco havia la deixado na sua precedente viagem. Morales consultou as suas cartas e reconheceu que a ilha da Madeira devia estar situada ao S.O. Nenhuma terra apparecia n'aquella direcção, e so se via uma escuridão contínua e cerrada d'esde o mar até ao ceu, a qual jamais se desfazia, ou alterava, mas com medonho ruido, que algumas vezes se ouvia em Porto-Sancto.

— Alli é a *Madeira*, disse o antigo piloto, certificando a João Gonçalves Zarco que por causa do alto e vastissimo arvoredo, os raios do sol nunca enxugavam o campo, d'onde procedia tão grande humidade, que ella era causa dos vapores de que o ceu se cubria, e essa sem falta a escuridão que estavam vendo; por onde tinha por acertado que em derrota fossem logo a demandar aquelle nevoeiro, debaixo do qual tinha por certo achariam a terra, ou certos signaes d'ella. (*)

Toda a companha era de opinião contraria, so Morales e João Gonçalves prevaleciam em seu animo e desejo, e havendo com dissimulação ouvido e confortado a todos, se fizeram de vella uma madrugada, e deixando a ilha de Porto-Sancto, lançaram a prôa para a parte onde a sombra se via; fazendo toda a fôrça de vella, para que o dia lhes não faltasse com luz bastante, afim de reconhecerem tudo que fosse possivel, da terra que esperavam encontrar. Quando ao meio-dia começou-se a ouvir o mar rebentando com medonhos bramidos. Não se via, comtudo, ainda signal de terra, porque a nevoa cobria ja o mar e o ceu, depois que pela vizinhança se metteram debaixo d'ella. Á vista de tão notavel confusão se levantou um publico clamor, pedindo a João Morales: que arribasse e não quizesse tomar por sua conta o damno de tantas almas; mas depois de bastante trabalho este pôde conseguir reunir no convez do navio os marinheiros e soldados, e ahi lhes dissipou todo o receio.

O tempo mostrava-se calmoso, e para a parte do nascente não corria tão longe a neblina, nem se mostrava tão escura. Assim proseguiam a sua viagem, quando por entre a escuridão se principiaram a descubrir alguns vultos, e pouco depois, com subito alvoroço e contentamento, se descobriu distinctamente terra; vendo-se uma ponta, não muito alta, a que deram o nome de *San' Lourenço*; dobrada a qual se viu logo a terra alta, povoada de especissimo bosque, desde a eminencia das serras até á beira do mar, assim como uma grande bahia, a qual João Morales reconheceu logo ser o *Porto-dos-inglezes*, nome porque até então ésta terra era demandada. Ahi passaram a noite e no dia seguinte João Gonçalves Zarco ordenou

(*) D. *Francisco Manuel*: Epanaphoras-portuguezas.

a Ruy Paes, que se mettesse no seu batel e fosse costear a terra, aonde, dentro em pouco, encontraram a mesma rocha, juncto da qual desembarcára Roberto Masham; e saltando todos em terra encontraram alguns troncos das arvores, feridos de golpes de machado e outros vestigios certos de que ésta terra ja fôra pisada de homens.

Voltou pois, Ruy Paes, abordo, dando parte do exito que tivera o seu reconhecimento. Então ordenou-se o desembarque, que foi executado com toda a cautella, no dia 8 de julho de 1421, dia de Sancta Isabel, tomando-se posse com todas as solemnidades possiveis, d'aquella ilha ou terra firme, por elrei D. João I de Portugal, e pelo infante D. Henrique, ordem, mestrado, e cavallaria de Christo. Depois do que, foi bento aquelle mar por dois religiosos, e celebrou se o sacrificio da missa sôbre o proprio altar, que ahi haviam erigido Roberto e Anna Dorset.

E desde este dia a ilha da Madeira ficou fazendo parte dos dominios de Portugal.

V

Cinco dias depois da posse da Madeira pelos nessos navegantes, começou o tempo, que até alli havia favorecido a sua jornada, a mudar subitamente. O vento sibilava e batia com violencia contra as sinuosidades da praia, o mar impetuoso se espedaçava sobre os sochedos com um longo e horrivel estrondo, e as nuvens eram de uma negrura espantosa e similhavam cobrir o ceu de um pesado e espesso crepe.

— Ora, mercê de Deus, as nossas caravellas ja são a porto e salvamento, disse Morales: mas infelizes dos navios que a éstas horas estão no mar alto — coitaditos — estão alli e estão indo para os peixinhos!.. Nós chegámos aqui antes de que a caravella de Nuno Alcoforado, que naturalmente ainda está sobre as aguas do Oceano, e sabem *vossês* todos que mais, estou com dó d'aquelle pobre diabo, e apezar da tal traição que me queria fazer, desejava bem podel-o salvar.

Ainda bem não tinha acabado de proferir éstas palavras, quando os vigias deram signal de navio á vista. João Gonçalves e Morales correram immediatamente á ponta de San'Lourenço, e ao chegarem ahi, distinguiram a pouca distancia, um navio accossado pela tempestade e ja quasi raso.

— Aquella é sem duvida a caravella de Nuno, exclamou João Gonçalves.

— Eia, sus, toca a soccorrel-a, disse Morales.

— É inteiramente impraticavel, replicou Zarco; não é possivel fazer de vella os nossos bateis, sem expormos a vida da nossa gente. E demais la tocou o navio no recife, e olhai como aquelles infelizes procuram salvar a vida agarrando-se aos restos desmantelados da caravella.

— Talvez ainda possamos salvar alguns d'aquelles pobres diabos. Vamos la, deitem ao mar um dos bateis e toca a ver se tiramos algumas presas aos tubarões. Andem, nada de mollezas, é aviar com a obra. Tragam cabos, pranchões e alguma pipa vazia. Ao mar, ao mar!

E saltando com muitos da companha para o batel, dirigiram-se para o logar aonde os miseros naufragos se debatiam em vão com as ondas. Mas infelizmente todos os seus esforços foram infructiferos, o mar ja a todos havia engulido, e apenas João Morales pôde recolher um dos cadaveres.

Esse cadaver era do homem que outr'ora o quizera atraiçoar, que lhe pertendêra tirar a gloria de ser quem fizesse com que Portugal possuisse a perola do Oceano, a ilha da *Madeira*.

O cadaver era de Nuno Alcoforado!..

T. Oom Junior.

POESIA.

TRADUZIDO DO HISPANHOL DE D. JULIAN ROMÉA.

A...

724 Pude ver teus incantos, ingrata;
Maldição, maldição a esse dia,
Que arrancou de minha alma a alegria,
E a soffrer me condemna e a chorar.

Porque em mim do infortunio imprimis-te,
Ceus injustos, o sêllo na frente?
Ja que um peito me deste vehemente,
Porque assim peito igual não achar?

Quando a noite desdobra seu manto
Talvez calme do triste a afflicção;
Lisongeado por sonhos em vão,
Um alivio a seu mal descobriu.

Mas eu sempre vellando, esta pena
Sem nenhuma esperança encontrar,
Quantas vezes a lua ao passar
Em meu pranto, ai de mim, reflectiu!

Se a um accento, ou ligeiro sorriso,
A minha alma se crê exaltada,
A illusão n'esse instante é quebrada,
Que a verdade la veio abater.

Minha dita é a flor do deserto:
Nasce pura, gentil e corada;
E se cresta do sol abrazada
Quando apenas começa a crescer.

Genio horrivel me segue incessante,
Que se appraz com a minha má sorte;
O sorrizo descubro da morte
A seus labios medonhos assomar.

E nas azas dos ventos levado,
Sobre frios sepulchros se agita;
E o calix do mal que me excita
Gôta a gôta me fórça a tragar.

A paixão que meu pranto de fogo
Brota eterno, meu rosto queimando,

A paixão que, a ventura roubando,
Ao abysmo me arrasta da dor;

Não é chamma de amor apprazivel,
É o fogo voraz do inferno;
So, ardente, volcanico, eterno...
Sim, a morte, ou o teu casto amor!

Lisboa — junho — 1846.

José Osorio.

APONTAMENTOS BIORGAPHIACOS.

O SR. ESTEVÃO DIAS CABRRL.

725 Não ha ainda anno que o conselho superior de instrucção pública do reino propoz, e recommendou para uso das escholas de ensino primario, o *tractado de agrimensura* do Sr. Estevão Dias Cabral; perguntai porém aos respeitaveis membros d'esta illustre corporação, quem era o A. do escripto que recommendam, qual a patria que o viu nascer, a eschola em que estudou, a profissão que seguiu, os paizes extranhos que visitou, as obras que escreveu, as emprezas que dirigiu, finalmente como se passáram os largos annos de sua provecta idade; e talvez que nenhuma d'estas informações vos saibam dar.

É que existindo consignadas em nos os fastos algumas noticias dos mais extremados cultores das sciencias naturaes, nascidos em nossa terra, ácerca d'este eximio hydraulico não temos ainda siquer uma lettra, que o recommende á posteridade, tendo alias escripto quanto seria bastante para illustrar muitas vidas, e immortalizar muitos nomes.

É antigo sestro de portuguezes descuriosos — deixarem perecer a memoria dos mais insignes varões seus conterraneos.

Nós estampámos ja as primeiras, e as mais completas biographias, que conhecemos, dos srs. Felix do Avellar Brotero, Jeronymo Soares Barbosa, Antonio Soares Barbosa, José Vicente Gomes de Moura, etc. (*); aventurar-nos-hemos ainda a escrever a do Sr. Estevão Dias Cabral.

Por agora offerecemos ao público a intrega d'um dos documentos, que ja havemos collegido para a execução de nosso intento. A sua leitura talvez excite algum dos illustres collaboradores da REVISTA a pagar em moeda de fino ouro o tributo que á memoria d'este varão insigne apenas podemos satisfazer na de bronze ou ferro.

« A folhas 287 de um livro de baptizados da fre-
« guezia de Tinalhas, bispado de Castello-Branco,
« que principiou a servir em 1701 com a rubrica
« *Oliveira*, se acha o assento seguinte:

« Estevão, filho de Theodoro Faustino Dias, na-
« tural e morador d'este logar de Tinalhas, e de sua
« mulher Maria Cabral de Pina, natural do casal do
« Violeiro, freguezia da villa de San'Vicente da Bei-
« ra, d'este bispado da Guarda, primeiro matrimonio
« da parte de ambos, neto pela parte materna de Do-
« mingos Nunes Pouzão, natural do ditto casal do Vio-
« leiro, e sargento mór da ditta villa, e de sua mu-
« lher Brites Maria Cabral, natural da quinta da Ca-
« nhar da freguezia da villa de Fornos juncto a Al-
« godres, bispado de Vizeu, e pela parte paterna ne-
« to de Miguel Martins Dias, e de sua mulher Isa-
« bel Pires, naturaes d'este ditto logar de Tinalhas,
« nasceu em os vinte e tres dias do mez de fevereiro
« do presente anno de mil setecentos trinta e qua-
« tro; e foi baptizado solemnemente na igreja paro-
« chial d'este mesmo logar de Tinalhas por mim Es-
« tevão Alvares de Pina, vigario da igreja da ditta
« villa de San'Vicente da Beira, aos dous dias do mez
« de março do mesmo anno predito. Foram padrinhos
« o doutor Manuel Duarte Beirão, e Maria Pires mu-
« lher de Sebastião Pires, ambos d'este ditto logar;
« e foram testimunhas, que presentes estavam, e a-
« qui commigo assignaram, Manuel Fernandes Duar-
« te, cirurgião, e o capitão Domingos Alvares, am-
« bos do mesmo logar, e assignou tambem o padre
« cura do mesmo, Joaquim Lourenço Marques, de
« que fiz este assento no mesmo dia, mez, e era aci-
« ma. — O vigario Estevão Alvares de Pina. — O cu-
« ra Joaquim Lourenço Marques. — O cirurgião Ma-
« noel Fernandes Duarte — Domingos Alves. »

« E nada mais se continha em o ditto assento aqui
« fielmente copiado do proprio livro, a que me re-
« porto e dou fé. Castello-Branco 19 de fevereiro de
« 1846. E eu José Maria Ferreira Baptista, escrivão
« da camara ecclesiastica o escrevi e assignei. — Jo-
« sé Maria Ferreira Baptista. »

Em o primeiro dia de fevereiro de 1811 falleceu repentinamente este eximio hydraulico na villa da San'Vicente da Beira. O seu cadaver foi trasladado para Tinalhas ao jazigo de seus maiores. Na igreja d'este povo vimos a sua segultura, cuberta de uma humilde campa, com um epitafio ainda mais humilde.

Em um marmore na parede do lado direito da capella do Sacramento le-se a seguinte inscripção:

« Jaz n'esta capella Theodoro Faustino Dias fal.
« a 25 de março de 1788, viuvo, presbytero, o qual
« excepto as paredes nuas erigidas pelos seus maio-
« res em 1576, tudo o mais edificou, restaurou, e
« ornou em 1783.

« Estevão Dias Cabral, Presbytero, filho para lem-
« brança perpetua escrevia em 1794. »

Alpedrinha 15 de julho de 1846.

F. A. Rodrigues de Gusmão.

(*) Revista litteraria portuense.

VARIEDADES.

STATISTICA DE TODOS MOSTEIROS, CONVENTOS, HOSPICIOS E COLLEGIOS DE PORTUGAL, ATÉ AO DECRETO DE 28 DE MAIO DE 1834.

726 De Sancto-Agostinho calçado — 18 de frades e 4 de freiras. De Sancto-Agostinho descalço — 15 de frades e 1 de freiras. De San'Bento — 20 de monges e 11 de monjas. De San'Bernardo — 14 de monges e 11 de monjas. De San Bruno — 2. De Nossa Senhora do Carmo calçados — 12 de frades e 4 de freiras. De Nossa Senhora do Carmo descalços — 18 de frades e 9 de freiras. Carmelitos allemães — 1 de frades. Da ordem de Christo — 1 de freires. Da ordem de San'Domingos — 20 de frados e 18 de frei-

ras. Da mesma ordem irlandezes — 1 de frades. De San'Francisco de Paula — 2 de frades. Da provincia da terceira ordem de San'Francisco — 19 de frades e 2 de freiras. Da provincia do Algarve — 31 de frades e 16 de freiras. Da provincia da Arrabida — 21. Da provincia de Sancto-Antonio dos Capuchos — 15 de frades. Da provincia de Nossa Senhora da Conceição — 21 de frades. Da provincia da Piedade — 20 de frades. Da provincia de Portugal — 28 de frades e 25 de freiras. Da provincia da Soledade — 19 de frades. Missionarios apostolicos de Brancanes — 1 de frades. De Vinhaes, missionarios — 1 de frades. Do Varatojo dittos — 1 de frades. De Mezão-frio dittos — 1 de frades. Capuchos francezes — 1 de frades. Da ordem de San'Jeronymo — 9 de monges e 1 de monjas. Capuchos italianos, ou barbadinhos — 1 de frades. Da ordem de San'João de Deus — 15 de frades. De Jezu Nazareno — 1 de frades. De San'Paulo Eremita — 17 de frades. De San'Paulo eremita descalços — 2 de frades. Dos monges de Sancto-Antão abbade — 1 de monges. Da Conceição sufragadores das almas — 1 de frades. Da ordem da Santissima Trindade Redempção dos captivos — 9 de frades e 4 de freiras. Da ordem da Santissima Trindade, descalços — 2 de frades. Dos conegos regulares de Sancto-Agostinho — 5 de conegos. Da Divina Providencia — 1 de clerigos regulares, Theatinos. Dos conegos seculares de San'João Evangelista — 7 de conegos. Dos clerigos seculares da missão — 3 de clerigos. Dos clerigos regulares de San'Camilio de Lelis — 6 de clerigos. Do oratorio de San'Filippe Nery — 7 de congregados. Da congregação de Nossa Senhora da Oliveira — 1 de congregados.

Total 379 de frade e 95 de freiras; ao todo — 472.

Desde 1834 uns teem sido aproveitados para repartições públicas, outros convertidos em fabricas, outros em tanoarias, outros estão em ruinas, e outros entregues ao sacrilego alvião. Edificio ha ahi mandado derrubar, que por si é um livro!

O Abbade Castro.

CORREIO NACIONAL.

727 Na quarta-feira (23) pelas 3 horas da madrugada teve S. M. o seu feliz-successo dando á luz um infante, que no dia 25 foi baptisado na capella do Real Paço de Belem pelo Exm.º Cardeal Patriarcha, com o nome de D. Fernando, sendo padrinhos S. A. o infante duque do Porto e a rainha dos belgas, representada por S. A. R. a Sr.ª Infanta D. Isabel Maria. Parece que a cerimonia da imposição dos sanctos-oleos se fará com grande pompa nos fins d'agosto.

Segunda-feira (27) cantou-se na igreja do Loureto o Te-Deum de acção de graças pela exaltação do Papa Pio IX. Officiou o cardeal Patriarcha, e assistiram S. M. El-rei, S. M. I. a Duqueza de Bragança e sua Augusta Filha, a Serenissima Sr.ª Infanta D. Isabel Maria, o Internuncio, o corpo diplomatico, a corte, o ministerio etc. A musica do Te-Deum era do nosso insigne compositor Marcos Antonio Portugal.

No dia 22 chegou a ésta cidade Ibrahim-Bachá, filho do Vice-rei do Egypto. O principe Ibrahim, hospedou-se no *hotel-de-Bragança*. Foi mandado cumprimentar por SS. MM. e ficaram ás suas ordens o barão da Foz, ajudante-de-campo d'El-rei e o capitão do estado maior José Ozorio de Castro Cabral d'Albuquerque. Nos tres dias que aqui se demorou assistiu Ibrahim-Bachá, ao Te-Deum celebrado na Sé Patriarchal pelo feliz successo de S. M., visitou o aqueducto das aguas livres e seu reservatorio, cumprimentou SS. MM., viu as cavallariças, e coches da casa-real, jantou a bordo da nau-ingleza *Albion* por convite do seu commandante, e assistiu a uma representação no theatro de San'Carlos, onde se dava n'essa noite a *Lucia-de-Lamermoor*.

Ibrahim-Bachá foi condecorado com a gran'cruz da ordem da Torre-espada, foi cumprimentado por todos os ministros e pelo corpo-diplomatico. O principe egypcio conta 55 annos, usa de barbas compridas quasi todas brancas, tem um bello rosto e olhos penetrantes; andou sempre acompanhado de Lord Howard de Walden, ministro inglez; parece que gostára muito de Lisboa e da maneira distincta com que aqui fôra tractado. Depois de ter visitado Paris e Londres regressa para a Alexandria abordo do vapor-de-guerra-inglez *Avenger*, em que sahiu do Tejo no dia 25.

Na noite 24 do corrente foi representada no theatro-de-San'Carlos pela companhia do Porto a opera '*Lucia de Lamermoor*.' A peça não foi bem recebida. O público estava costumado a ver representar ésta opera por artistas mais superiores. Parece que o Sr. Barbieri partiu para Setubal; mas diligenceiam dar ainda algumas representações lyricas n'este theatro.

Foram nomeados para a commissão-inspectora do theatro-nacional os Srs. Drs. Anselmo Braamcamp e A. J. da Silva Abranches, por motivo da exoneração concedida aos Srs. R. J. de L. Felner e J. da S. Mendes Leal Junior.

Domingo (26) abriu-se um novo divertimento público em Lisboa. E' o *Circo-Lisbonense* da rua do Vigario juncto á igreja de Sancto-Estevão, n'Alfama. Este bairro populoso como é, precisava na verdade de um divertimento público para os seus moradores. No mesmo caso estão outros bairros menos centraes d'esta capital, e muito seria para desejar ver estabelecer em cada um d'elles um divertimento de qualquer genero para intertenimento do povo, que assim se desviaria porventura de habitos menos convenientes.

Sabbado (25) voltou-se um bote no Tejo por effeito de uma rajada de vento, com cinco mulheres que iam para a outra-banda. Morreram todas as cinco infelizes mas salvaram-se os dois catraieiros.

O banco offerece a capitalização das suas notas com o juro de 5 por cento ao anno pago aos trimestres, na quantia de 120$000 réis para cima, a solver no praso de um anno.

No dia 30 de junho de 1845, foi celebrado em Berlim um tractado de commercio entre Portugal e os estados da Baviera; e identicos em datas proximas áquella com o Gran'ducado de Hesse, ducado de Anhalt-Dessau, ducado de Brunswich, Gran'ducado de Saxonia, Gran'ducado de Banden, ducado de Nassau, ducado de Saxe-Coburgo-Gotha, reino de Wurtemberg, e Eleitorado de Hesse, todos da liga das alfandegas allemans.

Sabbado (25) voltando uma lancha da nau ingleza *Albion*, da Trafaria, onde fôra buscar uma carga d'areia, foi acossada por um forte mar e um rijo vento do norte; e como viesse carregada demais, começou a metter agua pela proa; o que presenciado pelo aspirante, mandou immediatamente arreiar a vella do traquete para que a lancha não levasse tanto seguimento. Infelizmente porém tendo acudido á proa os marinheiros para executarem ésta manobra, o seu grande pêso fez metter a proa á lancha, e enchendo-se de agua foi logo a pique; ficando os infelizes marinheiros uns agarrados aos remos etc. e outros procurando a nado salvar as vidas. Accudiram logo alguns botes e outras lanchas da mesma nau, e poderam salvar ainda oito pessoas mas pereceram tres. Ouvimos que um catraeiro d'Alcantara que salvára 2 marinheiros, fôra mui generosamente recompensado pelo commandante da nau.

W.